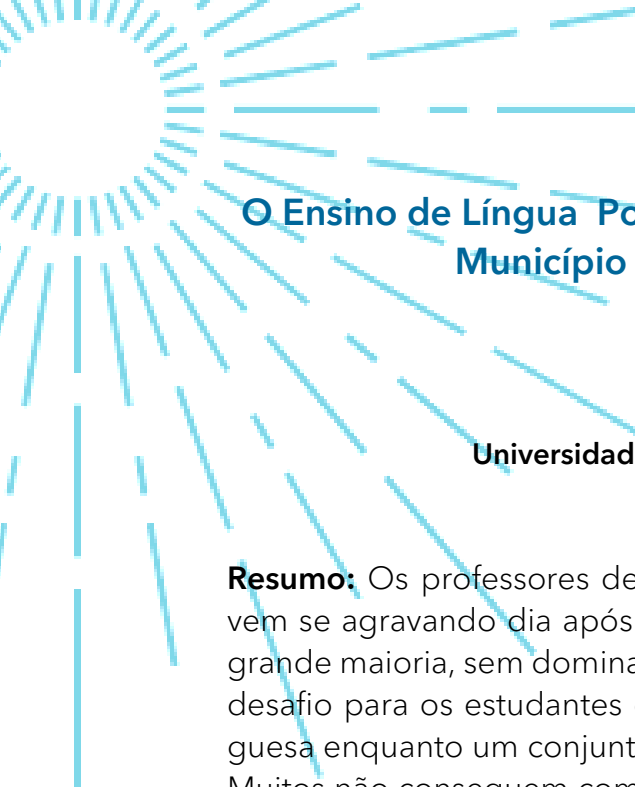




O Ensino de Língua Portuguesa nas Escolas de Nível Médio no Município de Boa Vista-Roraima - Brasil

Gerciene Nunes Cruz

Universidad Politécnica y Artística del Paraguay

Resumo: Os professores de língua portuguesa enfrentam um problema que vem se agravando dia após dia. Os alunos concluem o ensino médio, na sua grande maioria, sem dominar, as vezes até odiando, a língua materna. O maior desafio para os estudantes é entender e utilizar a gramática da língua portuguesa enquanto um conjunto de regras que orientam o correto uso da língua. Muitos não conseguem compreender o porquê da existência de tantas regras e poucas exceções. Em seus entendimentos tais regras não possuem valor algum. Diante disso não é surpresa ouvir da maioria dos alunos que a matéria que menos gostam é a língua portuguesa.

Palavras-chave: Ensino. Língua Portuguesa. Nível Médio.



Recebido em: Maio. 2024; Aceito em: Out. 2024

DOI: 10.56069/2676-0428.2024.517

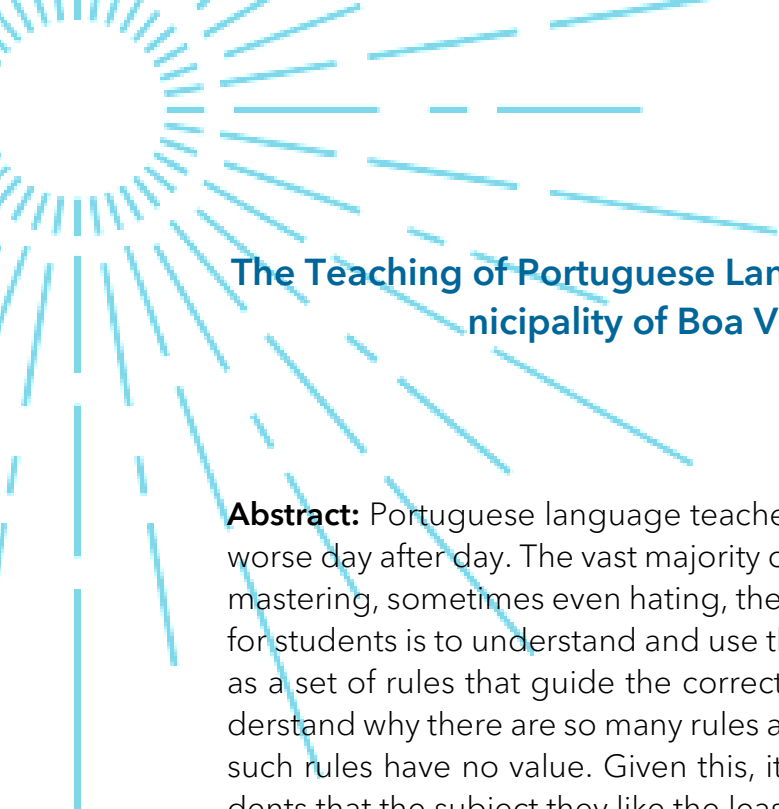
Pesquisa em Contextos Diversos: Diálogos Acadêmicos

Novembro, 2024 v. 3, n. 23

Periódico Multidisciplinar da FESA Educacional

ISSN: 2676-0428





The Teaching of Portuguese Language in High Schools in the Municipality of Boa Vista-Roraima - Brazil

Abstract: Portuguese language teachers face a problem that has been getting worse day after day. The vast majority of students complete high school without mastering, sometimes even hating, their mother tongue. The biggest challenge for students is to understand and use the grammar of the Portuguese language as a set of rules that guide the correct use of the language. Many cannot understand why there are so many rules and few exceptions. In his understanding, such rules have no value. Given this, it is not surprising to hear from most students that the subject they like the least is the Portuguese language.

Keywords: Teaching. Portuguese language. Medium Level.

La enseñanza de la lengua portuguesa en las escuelas secundarias del municipio de Boa Vista-Roraima - Brasil

Resumen: Profesores de portugués se enfrentan a un problema que se ha ido agravando día tras día. La gran mayoría de los estudiantes terminan la escuela secundaria sin dominar, a veces incluso odiar, su lengua materna. El mayor desafío para los estudiantes es comprender y utilizar la gramática de la lengua portuguesa como un conjunto de reglas que guían el uso correcto de la lengua. Muchos no pueden entender por qué hay tantas reglas y pocas excepciones. A su entender, tales reglas no tienen ningún valor. Teniendo en cuenta esto, no es de extrañar que la mayoría de los estudiantes sepan que la materia que menos les gusta es el idioma portugués.

Palabras clave: Enseñanza. Idioma portugués. Nivel Medio.

Introdução

Os professores de língua portuguesa enfrentam um problema que vem se agravando dia após dia. Os alunos concluem o ensino médio, na sua grande maioria, sem dominar, as vezes até odiando, a língua materna.

O maior desafio para os estudantes é entender e utilizar a gramática da língua portuguesa enquanto um conjunto de regras que orientam o correto uso da língua. Muitos não conseguem compreender o porquê da existência de tantas regras e poucas exceções. Em seus entendimentos tais regras não possuem valor algum. Diante disso não é surpresa ouvir da maioria dos alunos que a matéria que menos gostam é a língua portuguesa.

E o que falar dos vários tipos de gramática? Dentre todos esses tipos a mais trabalhada com os alunos é a normativa ou tradicional. É ela que assombra a vida escolar dos alunos. Mesmo focando num ensino de regras, o que dizer de uma fala como: “A gente vamos no cinema hoje”. Proferida por um aluno finalista do ensino médio? Certamente em algum momento da sua vida escolar ele estudou que o verbo deve sempre concordar com o sujeito.

Justificar a fala do aluno de terceiro ano através da gramática internalizada, onde a ideia é correta, mas a concordância entre sujeito e verbo, não. Pois bem, no momento de realizar qualquer certame a gramática internalizada do aluno pouco servirá para demonstrar que conhece e domina as regras da língua portuguesa. Ou seja, não há como fugir da gramática normativa.

Ocorre que apesar dos avanços nas diversas áreas do conhecimento, avanços tecnológicos, novas teorias de ensino e aprendizagem o ensino é feito de forma tradicional, tão somente de teorias e exemplos descontextualizados. Para que o aluno possa compreender a importância de tantas regras, tem-se que mostrar que o descumprimento de tais regras pode provocar desde interpretações equivocadas até a impossibilidade de comunicação.

Segundo as modernas teorias o uso do texto se justifica como base para o ensino da gramática pela impossibilidade de se ter como base a análise

de estratos, os quais descontextualizados não se relacionam com as competências discursivas e linguísticas. Para que o aluno tenha domínio dessas competências o texto deve ser explorado até sua exaustão. Daí a importância de os professores buscarem cursos de capacitação para inovar o ensino de língua portuguesa, em especial, a gramática.

Os professores em geral utilizam o texto durante duas semanas, nesse tempo, o exploram começando pela compreensão das ideias do autor, da interpretação, ampliação do vocabulário, até chegar no conteúdo gramatical desejado.

Porém, ainda encontramos professores que dissociam o texto do ensino da gramática. É o dito gramatiquês. A apresentação e memorização da regra. E é só isso. Caso o aluno não saiba utilizar a língua é porque não conhece as regras e é de sua responsabilidade revisar o que não aprendeu. Aqui, o professor se exime da responsabilidade do sucesso do aluno.

Para se obter o sucesso na aprendizagem da língua é fundamental que o papel do aluno, outrora passivo diante de um universo linguístico e por vezes sem aplicabilidade em sua vida torne-se um sujeito agente, seguro em suas variadas ações de leitor/ questionador/escritor. Contudo muitas outras variantes podem interferir nesse processo.

Diante disso, é preciso compreender como ocorre o processo de ensino e aprendizagem da disciplina de língua portuguesa nas turmas de ensino médio, e sua influência no rendimento acadêmico dos alunos.

Uma das dificuldades para a implementação de uma nova prática pedagógica consiste na dificuldade em suplantar o tipo de ensino recebido pelo professor quando estudante. A deficiência está geralmente na formação acadêmica do professor ou na repetição de uma metodologia arcaica e desinteressante. Para se ensinar qualquer conteúdo gramatical é necessário que o professor esteja seguro do que queira e saiba motivar o seu aluno. Isso não quer dizer que dominar o conteúdo da disciplina, possuir muitos anos de experiência sejam o suficiente para transformar o aluno em sujeito agente, conhecedor e transformador do conhecimento. Ocorre que essa postura nem sempre é

confortável para os professores. A prática tradicional ainda predomina no ambiente da sala de aula.

Destacando que o ensino tradicional apresenta regras de certo ou errado sem levar em consideração a língua falada. Fora pensada para língua escrita enquanto trabalhar os conteúdos da gramática de forma contextualizada torna o ensino mais atrativo, mais reflexivo, levando em consideração aspectos da língua falada. Além disso, os professores devem compreender a importância do ensino da gramática para a qualidade do ensino-aprendizagem.

O que pensam os professores, como agem, quais são as dificuldades no ensino da norma culta? Enquanto professora de Língua Portuguesa EMEF (Ensino Médio – Escola Pública) pude observar mais de perto as angústias vividas tanto pelo professor quanto pelo aluno no ensino de Língua portuguesa.

Nessa ânsia de garantir o conhecimento a sociedade ainda vê a escola como espaço único do conhecimento, da real aprendizagem, certeza de que o cidadão sairá formado em sua plenitude acadêmica. Nesse sentido, os valores, as expectativas e práticas que envolvem o processo educativo nem sempre correspondem ao que os pais, alunos e professores vivenciam neste complicado processo de ensino aprendizagem envolvendo o Ensino Médio. Essa não correspondência talvez ocorra em detrimento dos múltiplos fatores como violência, indisciplina, desigualdade social interferindo diretamente ou indiretamente no processo de aprendizagem.

Os índices de desempenho do SAEB, PISA e nas Olimpíadas de Língua portuguesa não mostram melhoria, apesar das mudanças implantadas para solucionar os problemas de baixo desempenho. Acredito que vivemos uma crise na educação onde todos têm a sua parcela de culpa, isso pode ser explorado em outro momento.

O município de Boa Vista, em Roraima, não é diferente de muitos outros estados do país, também vive uma crise no ensino médio, reta final da etapa escolar do aluno. Ocorre que exatamente nesta etapa do ensino, os alunos chegam e terminam sem dominar habilidades básicas de leitura e interpretação textual e caso pior ocorre nos aspectos gramaticais.

Desenvolvimento

Diferentemente de outros tempos, os alunos demonstram desinteresse pela escola, procuram outras atividades relacionada ao seu cotidiano, à sua vida real. O que é ensinado na escola nada lhes interessa. Noutros casos, a atenção é desviada devido a defasagem de pré-requisitos oriunda de séries anteriores. Isso as vezes leva a altos índices de evasão. Ou seja, o professor não consegue avançar em conteúdos porque o aluno não possui base para acompanhá-los. Então transformam-se em bagunceiros ou simplesmente saem da escola.

Para uma aprendizagem de qualidade pressupõe-se disciplina por parte do educando. A disciplina é uma condição de observância a uma conduta ordenada de acordo com preceito, regra e norma estabelecidas que se expressa também a partir de uma hierarquia. Essa conduta ordenada ou regulada atende ao funcionamento institucional e regular de uma organização. A indisciplina significa o contrário à disciplina, é o estado de desordem, de desobediência e de certa rebeldia.

A indisciplina é um fenômeno perturbador para o desenvolvimento do trabalho educativo. A relação professor e aluno no ambiente escolar prejudica o ensino aprendizagem de qualquer assunto. O ensino de LP não é diferente, os alunos indisciplinados geralmente não assimilam os conteúdos e atrapalham o ambiente de sala de aula. Por isso, a indisciplina figura como um dos mais preocupante fator negativo nas escolas.

Podemos afirmar que a noção de indisciplina escolar aponta para comportamentos que põem em causa a prossecução das tarefas e atividades de ensino-aprendizagem, o são convívio e o respeito por um conjunto de deveres sócio morais, valores e padrões culturais que se considera devem presidir as relações entre pessoas no quadro institucional da escola e da aula. (COLOMER, 2004, P. 218)

A partir do pensamento de napoleão podemos deduzir que mesmo com tantas desigualdades sociais e culturais, nada deve afastar o aluno do ambiente que possa acrescentar - lhe algum conhecimento, nem mesmo a violência ou indisciplina.

Conhecer a língua portuguesa não é privilégio de gramáticos, senão de todo brasileiro que preza sua nacionalidade. É erro de consequências imprevisíveis acreditar que só os escritores profissionais têm a obrigação de saber escrever. Saber escrever a própria língua faz parte dos deveres cívicos. (Napoleão Mendes de Almeida)

É função de todo professor de língua portuguesa conhecer a sua história, compreender a sua evolução e passar adiante a própria história da língua. A história da língua portuguesa é a história da evolução da língua portuguesa desde a sua origem no noroeste da Península Ibérica até ao presente, como língua oficial falada em Portugal e em vários países de expressão portuguesa.

Em todos os aspectos – fonética, morfologia, léxico e sintaxe – a língua portuguesa é essencialmente o resultado de uma evolução orgânica do latim vulgar trazido por colonos romanos no século III a.C., com influências menores de outros idiomas e com um marcado substrato céltico. O português arcaico desenvolveu-se no século V d.C., após a queda do Império Romano e as invasões germânicas, ditas bárbaras, como um dialeto românico, o chamado galego português, que se diferenciou de outras línguas românicas ibéricas. Usado em documentos escritos desde o século IX, o galego português tornou-se uma linguagem madura no século XIII, com uma rica literatura.

Em 1290 foi decretado língua oficial do reino de Portugal pelo rei D. Dinis I. O salto para o português moderno deu-se no renascimento, sendo o Cancioneiro Geral de Garcia de Resende (1516) considerado o marco. A normatização da língua foi iniciada em 1536, com a criação das primeiras gramáticas, por Fernão de Oliveira e João de Barros.

A partir do século XVI, com a expansão da era dos descobrimentos, a história da língua portuguesa deixa de decorrer exclusivamente em Portugal, abrangendo o português europeu e o português internacional.

Desde a descoberta do Brasil por Portugal em 1500, a grande presença dos portugueses nos territórios brasileiros, a língua portuguesa foi se enraizando, enquanto as línguas indígenas foram aos poucos desaparecendo. Uma delas, talvez a que mais influenciou o atual português falado no Brasil foi o Tupinambá ou Tupi-Guarani, falado pelos índios que habitavam o litoral. Esta língua foi a primeira utilizada como língua geral da colônia, ao lado do

português, pois os padres jesuítas que vieram para catequizar os índios, estudaram e acabaram difundindo a língua.

No ano de 1757 uma Provisão Real proibiu a utilização do Tupi, época esta, em que o português já suplantava esta língua, ficando ele, o português, com o título de idioma oficial.

Em 1759 os jesuítas foram expulsos, e a partir de então a língua portuguesa se tornou definitivamente a língua oficial do Brasil.

A língua portuguesa, falada no Brasil, herdou, no entanto, um vasto vocabulário das línguas indígenas, principalmente no que se diz respeito às denominações da fauna, flora e demais palavras relacionadas à natureza.

Os portugueses trouxeram, então, muitos escravos capturados na África, para trabalhar nas terras brasileiras, e estes vieram falando muitos dialetos, os quais contribuíram para a construção da nossa língua. Muito do que temos hoje, foi herdado das línguas africanas, bem como itens culturais que vieram junto com os escravos e aqui se instalaram.

Deste modo, a língua portuguesa falada no Brasil, foi se distanciando da língua portuguesa falada em Portugal, pois enquanto aqui, a língua recebia influências dos índios e dos imigrantes, em Portugal a língua recebia influência do francês, idioma muito prestigiado na época.

Quando a família real veio para o Brasil, entre 1808 e 1821, as duas línguas novamente se aproximaram, pois devido a grande quantidade de portugueses nas grandes cidades, a língua foi sofrendo novamente a influência dos mesmos e se parecendo com a língua-mãe.

O português brasileiro sofreu ainda, influências dos espanhóis, holandeses e demais países europeus que invadiram o Brasil após a independência, em 1822. Isso explica o porquê de algumas diferenças de vocabulário e ou sotaque existentes entre algumas regiões do Brasil.

Com a influência do Romantismo (movimento artístico – literário que aconteceu no início do século XIX), a literatura produzida no Brasil se intensificou, e a língua portuguesa falada no Brasil foi se encorpando e ganhando uma nova forma, diferenciando-se ainda mais da língua portuguesa falada em Portugal. Foi despertado no país o individualismo e o nacionalismo através da

literatura, além da realidade política que impulsionava o país a se distanciar e diferenciar ainda mais de Portugal.

A normatização da língua foi como que consagrada pelo movimento modernista, em 1922, que trouxe como crítica a valorização excessiva que ainda se dava à cultura europeia, e motivou o povo a valorizar sua própria língua como “brasileira”.

Recentemente tivemos uma reforma ortográfica, implantada no ano de 2009, a partir de um acordo feito entre os países que tem como idioma oficial a língua portuguesa, e algumas regras de escrita que diferenciavam a norma, foram modificadas, deixando-a unificada. A oralidade, no entanto, continua mantendo consideráveis distinções. *“As feridas da língua portuguesa vão se abrindo lentamente toda vez que violentamos sua ortografia.” (Teresa Teth)*

A respeito do ensino de Língua Portuguesa, é unânime a opinião de professores e alunos de que o maior desafio tem sido as aulas de gramática. Questiona-se como deve ser ensinada, de forma tradicional ou contextualizada? De qualquer maneira, o certo é que os alunos conhecem pouco de gramática e pouco se interessam por aprendê-la. Como superar a resistência dos alunos e as dificuldades metodológicas dos professores em desenvolver essa área da língua portuguesa? É possível que essa dificuldade dos alunos em relação à aprendizagem, decorre da imposição da norma culta à cultura dos estudantes que, muitas vezes, é incompatível com o seu meio social. Levando os mesmos a concluírem a vida escolar sem saberem ler nem escrever adequadamente, formando um grande contingente analfabetos funcionais. Friso o conceito de leitura como compreensão do que é lido.

Nesta minha vivência de sala de aula e acompanhamento de muitas metodologias no ensino da língua tenho notado a gramática apenas como ditadura de regras e normas sobre como se escreve, como se fala, sobre o correto e o incorreto. Não há dúvida de que se deve ensinar a gramática normativa nas aulas de Língua Portuguesa, embora sabe-se que ela em si não ensina ninguém a falar, a ler e a escrever com precisão. O problema é o foco, a ênfase dada no erro do aluno e não na compreensão de uma outra alternativa de uso da língua.

Ao comparar os resultados de um ensino tradicional com um ensino contextualizado de língua portuguesa, chega-se aos mesmos resultados.

O dever da escola é ensinar a língua, oferecendo condições ao aluno de adquirir competência para usá-la de acordo com a situação vivenciada. Não é com teoria gramatical que ela concretizará o seu objetivo, pois isto leva os estudantes ao desinteresse pelo estudo da mesma, por não terem condições de entender o conteúdo ministrado em sala de aula, resultando assim frustrações, reprovações e discriminações que se iniciam pela própria escola através do preconceito linguístico.

A escola deve ainda organizar um programa interdisciplinar, onde todas as disciplinas do currículo de fato se interajam, algo que seja exequível, palpável e não somente um documento obrigatório. São pouquíssimas as escolas que trabalham de forma interdisciplinar, porém, as que assim fazem apresentam melhores resultados.

Cabe aos professores compreenderem que a gramática não deve ser tida como verdade única, absoluta e acabada, a língua falada pelo aluno deve ser valorizada, a sua gramática internalizada deve ser analisada e para que conheça uma outra forma de dizer. Além do mais ela tem sua parcela de contribuição para a formação e o desenvolvimento intelectual de todos os indivíduos da sociedade brasileira.

Em síntese, a gramática da língua vai sendo aprendida naturalmente, quer dizer, na própria experiência de se ir fazendo tentativas, ouvindo e falando. Não há um momento especial nem uma pessoa específica destinada ao ensino dessa gramática. Ela vai sendo incorporada ao conhecimento intuitivo, pelo simples fato de a pessoa estar exposta à convivência com os outros, a atividade social de uso da língua, das conversas familiares às atuações mais tensas e formais. Ou seja, essa gramática está inerentemente ligada à exposição da pessoa aos usos da língua. A escola virá depois; para ampliar.” (IRANDÉ, 2007, pág. 29).

Uma outra reclamação de professores está na falta de hábito de leitura, segundo estes os alunos não gostam de ler, a leitura impositiva de obras literárias ou não – literárias, para fins de aprendizagem ou divertimento não atrai o aluno, que recorre aos resumos na internet ou simplesmente recusa-se a ler o

que é pedido. Cabe ao professor desenvolver no aluno o hábito de leitura diária, uma pequena dose para despertar o interesse da continuidade.

As salas devem ser temáticas, com muitos livros a disposição, a conquista certamente será demorada. Mas o que fazer quando o aluno está saindo da escola e ainda não adquiriu o gosto pela leitura? Esse processo deve durar toda a vida escolar e não pode ser resolvido como num passe de mágica.

Quando aprendemos a ler estamos aprendendo a perceber o significado potencial de mensagens escritas para, conseqüentemente, relacionarmos o significado potencial percebido à estrutura cognitiva, de modo a compreendê-lo. Leitores principiantes não estão aprendendo um código completamente novo, Mas, um equivalente escrito de um código.

[...] ler é um ato interpretativo, o qual consiste em saber guiar uma série de raciocínios para a construção de uma interpretação da mensagem escrita, a partir da informação proporcionada pelo texto e dos conhecimentos do leitor. Ao mesmo tempo, ler implica iniciar outra série de raciocínios para controlar o progresso dessa interpretação, de tal forma que possam ser detectadas as possíveis incompreensões produzidas durante a leitura (COLOMER, 2001 apud PÉREZ; GARCÍA, 2001, p. 127).

Entretanto, durante anos, a leitura foi entendida como uma atividade que se resumia em decifrar códigos, baseada em uma decodificação fonética do registro escrito e na teoria da fala interior. Vale mencionar que tanto a decifração quanto a fala interior eram e continuam sendo os suportes da maioria dos métodos de leitura utilizados na escola. Como consequência, poucos chegam a compreender o sentido do que leem, ficando restritos à habilidade de decifrar. ler não é decifrar, mas organizar as palavras compreendidas para que adquiram o significado que ficará na memória.

A compreensão a partir da leitura é uma atividade dialógica que diante de um texto gera outros textos. Esta compreensão envolve uma tomada de posição diante do texto que implica julgamento de valor. A sua concepção de linguagem se caracteriza pelo fenômeno social da interação, que é plural - há pelo menos duas vozes e, no eixo histórico, uma multidão. Há em cada voz um ponto de vista sobre o mundo e na interação ocorrem conflitos, oposições,

correspondência. As vozes se distinguem principalmente pelo acento valorativo, entonação.

Outro aspecto importante em relação à leitura é que o desenvolvimento da aprendizagem fica condicionado ao domínio prévio da fala e ao emprego dessa prática como uma forma de perceber o significado potencial da escrita. As crianças aprendem a ler a língua materna reconstruindo na escrita a linguagem falada, contudo não se pode conceber ensinar a ler procurando estabelecer relações diretas entre símbolos visuais novos e seus significados. Essa prática pode servir como fonte de confusão para uma criança para quem outros significados representam melhor seu conceito verbalmente rotulado. Acostumados com um cotidiano repleto de gírias e outras formas peculiares da linguagem rápida (a linguagem do MSN, por exemplo), a experiência de ler os clássicos (Machado de Assis, por exemplo) torna-se uma aventura deveras árdua: é como aprender a ler novamente. Poucos alunos se dispõem a fazê-lo.

Podem-se apontar dois aspectos importantes ao aprender a reconstruir na escrita as mensagens faladas. Em primeiro lugar, há o problema da conversão de palavras escritas em palavras faladas. Porém isso se torna menos difícil devido à base alfabética que estrutura grande parte das línguas. Dessa forma, as palavras escritas não são exatamente configurações de símbolos visuais que representam arbitrariamente seus equivalentes fônicos.

Em segundo lugar, é necessário aprender como combinar e transpor grupos de palavras escritas para frases e sentenças faladas. Neste caso, o domínio do código sintático da linguagem falada pode ser empregado na percepção do significado potencial da mensagem escrita. O principiante não está preparado para aprender diretamente as funções sintáticas das palavras na escrita. Adquirida certa facilidade para a leitura, pode-se supor que a linguagem falada não desempenha papel mediador na percepção do significado potencial das mensagens escritas. A habilidade de uma leitura correta torna-se autônoma de sua associação anterior com a fala.

Acredito que, em sua essência, ser professor, hoje, não é tarefa fácil, porém, tem seus encantamentos e seus desafios. Um dos segredos é trabalhar com prazer, gostando do que se faz. Até porque fazemos sempre bem o que

gostamos de fazer. Só é bem-sucedido aquele que faz o que gosta. Nesse sentido, a classe de professores vive uma época de desencanto e solidão.

Todos, alunos e professores aprendem porque são seres inacabados. Não só são seres inacabados e incompletos como têm consciência disso. O que acontece com professores é que se o que aprendem não tem sentido, não atende a alguma necessidade, não apreendem. O que é aprendido deve ter significado. Alguma coisa ou pessoa é significativa quando ela deixa de ser indiferente. Esquecemos o que aprendemos sem sentido, o que não pode ser usado. Assim ocorre com o nosso aluno. Ele precisa ver uma significação no que aprende, do contrário sairá do ensino médio sem nenhuma aprendizagem significativa. Ele deseja olhar para trás e perceber que toda a sua vida escolar possui relação com a sua realidade.

Como professora, percebo o quanto é importante ter clareza do que é aprender, do que é “aprender a aprender”, para entender melhor o ato de ensinar. Não basta saber como se constrói o conhecimento, precisamos dominar outros saberes da nossa difícil tarefa de ensinar. Precisamos saber o que é ensinar, o que é aprender e, sobretudo, como aprender. Daí a importância dos cursos de qualificação.

Considerações Finais

Numa época de incertezas, de transformações, de transição, deve-se construir sentido com os alunos. Tudo é contextual. O processo de ensino e aprendizagem deve ter sentido para o projeto de vida de ambos para que seja um processo verdadeiramente educativo e insistir numa prática tradicionalista é andar na contramão, negando-se a ver que as necessidades hoje são outras. O ato educativo está essencialmente ligado ao viver com sentido, à impregnação de sentido para nossas vidas.

Nesse contexto, o professor é muito mais um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o sujeito de sua própria formação. O aluno precisa construir e reconstruir conhecimento a partir do que faz. Para isso o professor também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e buscar novos

sentidos para o que fazer dos seus alunos. A motivação é fundamental para isso. Ela pode partir do aluno ou ser plantada, cuidada, de modo que seja uma razão para o ato de querer aprender.

Portanto, para que a aprendizagem da gramática, tão temida e evitada por alguns professores se torne mais fácil, é preciso atentar para sua relevância, ou seja, deve fazer sentido para o aluno. Este deve perceber que a utilização adequada da língua perpassa pelo estudo da gramática. Ela está presente em todos os tipos de linguagem, é natural. Deve ser uma aliada nunca o “monstro” na qual foi transformada.

Sendo assim, mais importante que reter a informação obtida pela leitura tradicional dos muitos textos, memorizar inexplicáveis regras de concordância, entre outras exigências de outrora, atividades de leitura e escrita devem proporcionar aos alunos condições para que possam, de uma forma permanente e autônoma, localizar novas informações pela leitura do mundo, e expressá-las, escrevendo para e no mundo.

Além da leitura e da escrita, da intertextualidade, as aulas de Língua Portuguesa devem oferecer, também, aos alunos muitos e diversificados eventos de fala, facilitando e promovendo o desenvolvimento da linguagem oral. Afinal, a fala é fruto da necessidade de comunicação e expressão. É a realização individual da língua. É flutuante e varia, pois muda de indivíduo para indivíduo, sofrendo influência de diversos fatores.

De fato, os professores enfrentam muitas dificuldades para enfrentar hábitos antigos e tradicionais de ensino. Quanto mais idade e mais experiência em sala de aula, mais desmotivados e descreditados em mudanças. São professores que repetem a mesma didática há muitos anos e não querem mudar. Preferem sua zona de conforto, esperando pela tão sonhada aposentadoria.

O ensino de língua portuguesa bem como a gramática tornou-se enfadonho e evitado pelos alunos justamente pela forma como este é apresentado aos mesmos, de uma forma puramente livresca e preso às regras do tradicionalismo. O número de professores que busca uma dinâmica diferenciada é composto por aquele que possui em média até 5 anos de exercício em sala de aula e possui menos de 40 anos. São professores que fazem cursos de

qualificação ou se não fazem é por conta da dupla ou tripla jornada de trabalho. Porém, a grande maioria não demonstra interesse em fazer cursos, acreditam que o tempo de experiência já é suficiente para bem ensinar.

Ainda é consenso entre os professores que o grande gargalo do ensino de gramática é a produção de textos. Nas três turmas do ensino médio a maior dificuldade dos docentes é fazer os alunos produzirem textos de qualidade. Ao final do terceiro ano, às vésperas do ENEM ou vestibulares os alunos agem como se nunca tivessem estudado redação. Na verdade, a dificuldade é aplicar as regras de gramática no texto, quem não sabe pontuar, acentuar, conjugar verbos fazer a concordância de palavras, entre outros, certamente terá muitas dificuldades em produzir um texto com qualidade.

No que tange às responsabilidades pela qualidade do ensino, os professores em sua ampla maioria sentem-se seguros e tranquilos de que fazem tudo que é possível para o aluno aprender. Eximem-se de qualquer responsabilidade pela baixa qualidade do ensino. Na verdade, se sentem desrespeitados e injustiçados, sobrecarregados, tendo que cumprir a função de pai, mãe, psicólogo, amigo e professor. Reclamam por não receberem apoio da gestão e dos baixos salários pagos pelo governo.

Com relação aos alunos, é certo que os mesmos estão vivendo uma aversão ao ensino de gramática, as aulas não os atraem mais como outrora, quando eram obrigados a sentar, ouvir, memorizar e repetir regras. Agora, com as transformações sociais. O aluno passou de sujeito passivo à posição de sujeito ativo, autor participante de seu aprendizado. O que não lhe faz sentido é evitado ou ignorado, deixando os professores desesperados. Percebe-se que esperam por uma transformação, que o conhecimento encontre outras portas com o uso das novas tecnologias.

Muitos desses alunos dizem que poderiam se interessar mais, trazendo para si a responsabilidade pela aprendizagem, mas, enquanto as aulas tradicionais com exercícios de fixação dominarem o cenário da sala de aula, isso não vai ocorrer.

Finalizando, pode-se observar que ainda persiste nos espaços escolares uma prática da língua portuguesa pautada nos exercícios tradicionais de

gramática, apesar da necessidade de um trabalho mais reflexivo com a língua. É um exercício da metalinguagem por meio de atividades voltadas à gramática normativa ou com preocupação descritiva.

Comungo dos encantos, desencantos, frustrações, alegrias e conquistas dos professores de Língua Portuguesa. Está cada vez mais difícil ensinar, o ambiente escolar tornou-se menos seguro, os alunos nos dão cada vez menos atenção. O ensino contextualizado é nossa melhor opção, a meu ver, a única opção, Esse é o caminho que a língua portuguesa deve trilhar.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Maria Irandé Costa Moraes. **Muito além da Gramática:** por um ensino de gramática sem pedra no caminho. São Paulo, Ed. Parábola, 2007.

CORRÊA, M.A. **A produção de texto na escola: um caminho para o desenvolvimento cognitivo e moral do sujeito.** Porto alegre. ed. Alcance, 2000.

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **Los sistemas de escritura em el desarrollo del niño.** México. ed. Siglo XXI, 1997.

PERÉS, F.C; GARCIA, J. R. (Orgs). **Ensinar ou aprender a Ler e a Escrever ?** tradução: Cláudia Schilling. Porto Alegre: ed. Artmed, 2001.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas, São Paulo: ed. Mercado das Letras, Associação de leitura do Brasil, 2002